

OS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA EM RISCO: UM ESTUDO SOBRE AS TRIBOS ACHUAR, AYMARA E QUÉCHUA

THE INDIGENOUS PEOPLES OF LATIN AMERICA AT RISK: A STUDY ON THE ACHUAR, AYMARA AND QUECHUA TRIBES

Ronny Max Machado¹

Juliana Aparecida de Jesus Pires²

Eduardo Poletto de Oliveira³

RESUMO

Os povos indígenas são, historicamente, vítimas do Estado, porque através das instituições que, teoricamente, teriam a incumbência de representá-los nas esferas política, administrativa, jurídica e legislativa, atuam, em sua grande maioria, pautadas em interesses econômicos e deixando a margem os direitos individuais, coletivos, culturais, sociais e ambientais, de tais povos, em especial na América Latina. Sublinhamos a importância da presença indígena nos primeiros séculos até o aumento alarmante dos casos de invasões possessórias, exploração ilegal de recursos naturais, a omissão do Poder Público no enfrentamento de doenças pandêmicas e os danos diversos ao patrimônio dos povos indígenas, particularmente dos povos Achuar, Aymara e Quéchua. Pode-se adiantar que tais povos são mais do que sobreviventes, pois depois de séculos de perseguições e desrespeitos, ainda resguardam suas ricas culturas, que, inclusive, podem e devem ser utilizadas para nortear o rumo dos países em que habitam.

Palavras - chave: Indígenas. Direito. Achuar. Aymara. Quéchuas. Terras Ancestrais.

¹ Graduado em Direito pela Universidade São Judas Tadeu. Mestre em Direito da Sociedade da Informação pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas. Pesquisador junto ao Programa de Mestrado em Direito da Sociedade da Informação pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo. Estado de São Paulo. Brasil. Diretor de Pesquisa e pesquisador junto a Liga Acadêmica Brasileira de Antropologia e Direito Indígena-LABADI. Professor Universitário dos Cursos de Pós-graduação EAD da Faculdade Damásio. Professor da Pós-graduação em Direito Empresarial do Estratégia Concursos Unyleya. Advogado em São Paulo, Brasília, Paraná e Paraíba. Email: ronnymaxm@yahoo.com.br

² Advogada e Pedagoga. Pós-graduada em Direito Processual pela PUC-MG. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estácio de Sá de MG. Graduação em Direito pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Graduação em Pedagogia pela PUC-MG. Email: julianapires.adv@outlook.com

³ Graduação em Direito pela Universidade do Planalto Catarinense(2016). Atualmente é Assistente de Promotoria de Justiça do Ministério Público Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Direito. Email: dudu_poletto@hotmail.com

ABSTRACT

Indigenous peoples have historically been victims of the State because, through the institutions that, theoretically, would have the task of representing them in the political, administrative, legal and legislative spheres, they act, for the most part, based on economic interests and leaving the individual, collective, cultural, social and environmental rights of such peoples at the margin, especially in Latin America. We emphasize the importance of the indigenous presence in the first centuries until the alarming increase in cases of invasions of land, illegal exploitation of natural resources, the omission of the government in combating pandemic diseases, and the various damages to the heritage of indigenous peoples, particularly the Achuar, Aymara, and Quechua peoples. It can be said that these peoples are more than survivors, because after centuries of persecution and disrespect, they still preserve their rich cultures, which can and should be used to guide the course of the countries they inhabit.

Keywords: Indigenous. Law. Achuar. Aymara. Quechuas. Ancient Lands.

INTRODUÇÃO

A problemática do presente estudo reside justamente no fato de que a situação atual dos povos indígenas na América Latina só pode ser compreendida como o resultado histórico do processo que começou com a chegada dos europeus há mais de cinco séculos, mediante o qual aqueles foram despojados dos territórios que habitavam, de seus espaços de reprodução social e cultural e também de sua própria cultura, cosmovisões e modos de vinculação com a natureza por esses.

Esta irrupção significou a perda da “territorialidade política” dos povos indígenas do continente e da soberania sobre seus territórios, e inaugurou um ciclo de extensa duração histórica. Não foi só a maquinaria bélica que ajudou a ocupação europeia do continente e o despovoamento de seus habitantes nativos, mas também as cargas de doenças que os europeus trouxeram e dizimaram gravemente as populações originárias. À introdução de novas doenças, como a varíola, o sarampo, o tifo, a febre amarela, a malária e a COVID-19, se somou a submissão a trabalhos forçados e a castigos desumanos sofridos por esse povo historicamente.

A justificativa de expansão das fronteiras agrícolas e pecuárias continua dizimando a população dos povos indígenas, especialmente na Argentina, Chile e Brasil. Assim, o estudo abordará os povos indígenas da América Latina em riscos, de forma geral, e depois passará a analisar três etnias indígenas de forma individualizada: os achuar, os aymara e os quéchua.

A relevância social do tema está diretamente relacionada aos estudos recentes sobre o ciclo da pressão extrativista sobre os recursos naturais por parte das empresas nacionais e transnacionais, e a execução de grandes obras civis, com impactos negativos sobre os ecossistemas, que irromperam com força inusitada em todo o continente, agravando o quadro histórico de despojo e vulnerabilidade dos povos originários.

Para esclarecer todas essas questões, mostrar os pontos polêmicos e as peculiaridades das invasões de terras demarcadas que geram mortes e ameaça de extinção de alguns povos indígenas, adiante estudaremos obras doutrinárias, com o propósito de verificar o estado da arte sobre o assunto.

1. OS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA EM RISCO

Na América Latina vivem atualmente quarenta e cinco milhões de indígenas, pertencentes a mais de oitocentos e vinte e seis povos diferentes, disseminados entre Bolívia, Guatemala, Peru, México e outros países, sendo representados, exemplificadamente, pelas tribos Achuar, Aymara, Quéchuas, Nahua, Maya e Ki'che.⁴

Não é só a crescente a quantidade de indígenas (que hoje representam 8,3% da população latina) que surpreende, mas infelizmente outro dado progressivo que caminha em harmonia com o primeiro: segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), embora existam diversos avanços no reconhecimento de direitos territoriais, principalmente na demarcação e titulação de terras, permanecem os desafios para conter as atividades extrativas de petróleo, gás e mineração, que geraram, entre 2010 e 2013, mais de duzentos conflitos armados.⁵

Não bastasse, há também a problemática referente ao fator epidemiológico, que dizimou parte da população indígena com a chegada das navegações espanholas e hoje, com a pandemia da COVID-19 (aliada à falta de informações, escassez de medicamentos, alimentos

⁴ CAMPOS, Ana Cristina. **Relatório da ONU aponta aumento do número de indígenas na América Latina**. Agência Brasil, 2014. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/relatorio-da-onu-aponta-aumenta-do-numero-de-indigenas-na-america>>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁵ CAMPOS, Ana Cristina. **Relatório da ONU aponta aumento do número de indígenas na América Latina**. Agência Brasil, 2014. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/relatorio-da-onu-aponta-aumenta-do-numero-de-indigenas-na-america>>. Acesso em: 10 set. 2022.

e materiais de higiene, bem como nas dificuldades de deslocamento dos acamados), volta a assolar as tribos latino-americanas.⁶

De mais a mais, em que pese a existência de um mundo globalizado, ainda percebe-se um processo árduo de reconhecimento e busca pela dignidade humana aos povos indígenas, os quais almejam, além de políticas públicas essenciais, a igualdade nas prioridades políticas não concedidas pelos seus respectivos governos, que se mantêm provocando fortes pressões sobre estes povos, desencadeando cada vez mais em combates socioambientais jamais resolvidos.

Nas palavras de Egon Dionísio Heck, Renato Santana da Silva e Saulo Ferreira Feitosa:

Os povos indígenas chegam ao início do século XXI não apenas como sobreviventes, mas como povos com ricas culturas e sabedoria milenar. É a partir daí que se constituem em importantes atores sociais, políticos e étnicos, trazendo importantes contribuições na construção de novos projetos de vida nos distintos países.⁷

Desse modo, dentre as inúmeras e mais diversificadas etnias existentes na América Latina, como mencionado anteriormente, destacam-se os povos Achuar, Aymara e Quéchuas, como alguns dos que mais sofrem por aceitação e manutenção de sua cultura diante das desigualdades e mudanças econômicas ao decorrer dos anos.

2. DO POVO ACHUAR

Uma das tribos que se encontra atualmente em risco de extermínio são os Achuar, também conhecidos como “povo das palmeiras”, pertencentes à família jivaroana (como os Schuar, Shiwiar, Awajunt e Wampis), e que vivem no sudoeste da Amazônia do Equador, ao longo da bacia média e baixa do Rio Pestaza, próximos à fronteira do país com o Peru.

Consoante expõe Nayara Pereira Cinachi⁸, registros históricos (muitos oriundos da própria tribo) dão conta que os Achuar vivem no local há centenas de anos, possuindo

⁶ PIMENTEL, Márcia. **Povos indígenas das Américas, ontem e hoje**. MultiRio, 2020. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16378-povos-ind%C3%ADgenas-das-am%C3%A9ricas,-ontem-e-hoje-2>>. Acesso em: 12 set. 2022.

⁷ HECK, Egon Dionísio; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (org.). **Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio**. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (Cimi), 2012, p. 61.

⁸ CINACHI, Nayara Pereira. **Tribal Quest Equador**. MyHeritage, 2019. Disponível em: <<https://blog.myheritage.com.br/projetos-sem-fins-lucrativos/tribal-quest-equador/>>. MyHeritage, 2019. Acesso em: 28 jul. 2022.

população de atualmente em torno de oito mil pessoas, divididas em diversas comunidades, como os Wayusentsa, Sharamentsa e Warchipas, os quais harmoniosamente apresentam enorme conexão espiritual com a floresta tropical e entre si.

Um costume tribal amplamente difundido entre gerações é a infusão de folhas *wayus* ou *wayusa*, que se considera como medicamento natural e espiritual, e cuja infusão é muito utilizada pelo curandeiro para visualizar o espírito Arutam, que lhe dará o poder de diagnosticar a doença do acamado.⁹

Afora as inúmeras práticas culturais, tradições e crenças, as quais perpassam entre variadas cerimônias misteriosas, rituais e canções de oração para invocar o espírito da floresta Arutam, também destacam-se a desenvoltura no artesanato de tecelagem e cerâmica, no curandeirismo de seus xamãs, além de práticas e ferramentas únicas de caça, mediante técnicas fascinantes, tal como a “pesca com veneno” ou “barabasco”, em que os indígenas liberam esta substância natural na água para desorientar os peixes, os quais são capturados em uma represa rio abaixo.¹⁰

O instrumento utilizado para conduzir este veneno natural era a zarabatana, isto é, um tubo de três metros feito de madeira de palmeira de onde saíam pequenas flechas, as quais, por sua vez, eram untadas com o barabasco ou curare, cuja preparação decorria de cascas de árvores, caules e raízes diversas e, tamanha era sua potência, que uma simples colher poderia envolver aproximadamente setenta lanças.¹¹

Como os xuares, os aguarunas e os huambisas, os achuares são jivaros. Falam um dialeto que os liga aos outros e, pelo estilo de vida, o gosto pelas vendetas e o senso da dívida (sem falar em sua obstinação em viver nos moldes de seus antepassados), formam o derradeiro bastião dos insubmissos.

[...] A comunidade? Apesar de sua propensão à discórdia e à atomização, os achuares são ligados a ela pela língua, pelo sistema de parentesco, pela troca de bens, pelas técnicas de caça e de pesca, por sua maneira de viver o tempo em vários registros, por sua crença em espíritos malignos, por seu consumo da droga ayahuasca e até mesmo, na adversidade, pela violência ritualizada.

[...] Hoje os achuares abandonaram a lança e o escudo - eles possuem fuzis. Muitos deles aderiram à Federação dos Centros Xuares do Equador, organização indígena

⁹ MINCU. MINISTERIO DE CULTURA. **Los pueblos achuar, awajún, kandozi y wampis**. Serie “Nuestros pueblos indígenas”. Lima: Ministerio de Cultura, 2015.

¹⁰ CINACHI, Nayara Pereira. **Tribal Quest Equador**. MyHeritage, 2019. Disponível em: <<https://blog.myheritage.com.br/projetos-sem-fins-lucrativos/tribal-quest-equador/>>. MyHeritage, 2019. Acesso em: 28 jul. 2022.

¹¹ DESCOLA, Philippe. **A Floresta Cultivada, Simbolismo e Práxis na Ecologia dos Achuar**. Lima: IFEA, 1988.

muito influente no país, e rejeitam o etnônimo "jivaro", termo que é visto como colonial e racista.¹²

Jacques Meunier¹³ prossegue, todavia, que o belicismo, as “cabeças encolhidas”, a zarabatana e o curare por muito tempo foram motivos de má reputação dos jivaros causada aos primeiros missionários, o que se potencializava diante de sua irreligiosidade, anarquia social e desenvoltura sexual pela poligamia.

Diferentemente do que imaginaram os missionários no primeiro contato, a evolução dos Achuar em matérias sociais é algo que dificilmente se observa na população mundial do século XXI.

Isto porque, mantém-se na tradição desta tribo até os dias atuais a divisão de trabalho entre homens e mulheres. Enquanto os primeiros dedicam-se à caça e pesca, são estas quem cuidam das práticas agrícolas, tornando-se comum que cada mulher Achuar possua e administre sua própria fazenda.¹⁴

Mas a igualdade vivenciada nas comunidades não se restringia tão somente ao labor. Sua organização sociopolítica era caracterizada pela existência de uma Assembleia Comunal (órgão máximo constituído por todos os habitantes maiores de dezoito anos de idade e que escolhiam as autoridades representativas por votações diretas); os superiores que simbolizariam as vontades da comunidade perante instituições externas e administrariam a justiça interna; e por fim o chefe, ou *apu*, que seria escolhido a cada dois anos.¹⁵

Todos estes séculos de existência remetem a uma história extensa, representada por inúmeras mudanças na estrutura tribal visando a sobrevivência, mas sem nunca afastar os termos culturais que lhe eram intrínsecos.

¹² MEUNIER, Jacques. **A Viagem Iniciática**. Folha de São Paulo, 2006. n.p. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0309200607.htm>>. Acesso em 28 jul. 2022.

¹³ MEUNIER, Jacques. **A Viagem Iniciática**. Folha de São Paulo, 2006. n.p. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0309200607.htm>>. Acesso em 28 jul. 2022.

¹⁴ DESCOLA, Philippe. **A Floresta Cultivada, Simbolismo e Práxis na Ecologia dos Achuar**. Lima: IFEA, 1988.

¹⁵ PALACIOS, Cythia Cárdenas. “Só estamos extraindo petróleo, não estamos contaminando”: Os Achuar do rio Corrientes perante a atividade petroleiro do Lote 192. ANPOCS, 2016. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st07-9/10192-so-estamos-extraindo-petroleo-nao-estamos-contaminando-os-achuar-do-rio-corrientes-perante-a-atividade-petroleira-do-lote-192/file>>. Acesso em 29 jul. 2022.

O autor Luis Uriarte¹⁶ relata que inicialmente os Achuar habitavam moradias multifamiliares enormes, em formatos ovais cercados para eventuais guerras, o que difere em muito a atual disposição de habitação, sendo que enquanto alguns vivem em comunidades de casas isoladas, outros vivem em centros nativos densamente nucleados.

Se no passado os Achuar tiveram de resistir às expedições do Império Inca (inclusive durante o governo de Atahualpa) e às invasões espanholas capitaneadas por Alonso de Alvarado e Juan de Salinas, atualmente são outras preocupações que assolam a existência desta comunidade.

Embora tenham vivido por um relativo isolamento durante as primeiras cinco décadas do século XIX, com o avanço da navegação fluvial após 1850 e a eclosão da extração de borracha nos anos seguintes, tornou-se constante a miscigenação nas trocas de experiências e objetos com seringueiros, abrindo espaço para interação com a tribo.¹⁷

Foi a partir dessa interação que iniciaram os problemas que assolam este povo até hoje: enquanto passou-se a aceitar a aproximação de forasteiros que almejavam a exploração madeireira, também se permitiu a busca pelo petróleo no local, afetando significativamente a vida tribal, mediante imposição de assentamentos para populações não nativas, postos militares e guarnições, em uma verdadeira colonização da área.¹⁸

Cynthia Cárdenas Palacios¹⁹ dispõe que, quando se descobriu o potencial petrolífero na região, houve uma enorme movimentação de companhias deslocando-se às zonas dos Achuar, abrindo estradas próprias para transição de caminhões, instalando estruturas de heliportos, refinarias e baterias de extração, trazendo consigo desaparecimento de animais, contaminações, baixa produtividade de terras antes férteis e as mais variadas doenças aos nativos.

¹⁶ [URIARTE, Luis. Os Achuar. In: SANTOS GRANERO, Fernando e Frederica BARCLAY \(editores\). Guia Etnográfico do Alto Amazonas, Volume VI. Lima: IFEA, Smithsonian Tropical Research Institute, 2007.](#)

¹⁷ CHIRIF, Alberto; MORA, Carlos. **Atlas de comunidades nativas**. Lima: Sistemia National de Apoyo a la Movilización Social (SINAMOS), 1977.

¹⁸ [URIARTE, Luis. Os Achuar. In: SANTOS GRANERO, Fernando e Frederica BARCLAY \(editores\). Guia Etnográfico do Alto Amazonas, Volume VI. Lima: IFEA, Smithsonian Tropical Research Institute, 2007.](#)

¹⁹ PALACIOS, Cythia Cárdenas. “**Só estamos extraindo petróleo, não estamos contaminando**”: Os Achuar do rio Corrientes perante a atividade petroleiro do Lote 192. ANPOCS, 2016. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st07-9/10192-so-estamos-extraindo-petroleo-nao-estamos-contaminando-os-achuar-do-rio-corrientes-perante-a-atividade-petroleira-do-lote-192/file>>. Acesso em 29 jul. 2022.

[...] As consequências são visíveis. Em toda parte, ao longo da estrada, há novos edifícios de madeira, cercados por áreas incipientemente desmatadas. Construções de novas igrejas evangélicas, de tijolo e ferro, também proliferam. Tudo é muito recente e, ao mesmo tempo, muito explícito. Aqui e ali, o capital repentino que os madeireiros trazem é aparente e, ao longo da rota, pilhas de madeira cortada com precisão geométrica se acumulam no acostamento, prontas para carregamento, transporte e comercialização. Mas esse capital repentino pode ser uma miragem efêmera, segundo algumas histórias: uma vez cortada e vendida sua área florestal, a família proprietária fica empobrecida e despojada. Seus membros, então, são obrigados a se vender como mão de obra barata, fazendo apenas o suficiente para sobreviver.²⁰

A pandemia da COVID-19, por exemplo, foi utilizada como pretexto para que as empresas extrativistas continuassem explorando mais intensamente os territórios indígenas, aumentando a exploração indiscriminada de madeira balsa (muito utilizada para fabricar lâminas de geradores de energia eólica na Europa e China) e, paralelamente, disseminando a doença aos nativos – invadidos em seu isolamento natural – e colocando mais em risco a conservação das margens do rio ao desencadear inundações que atingem diretamente as comunidades.²¹

Diante da crescente e irrefreável dizimação da tribo, os Achuar passaram a exercer toda espécie de resistência para afastar o avanço das companhias de petróleo e manter seus direitos, especialmente como um dos povos mais antigos da América do Sul e da região do Rio Pastaza.

A comunidade de Sharamentsa, localizada abaixo do Pastaza, decidiu impedir o corte de paus-de-balsa e manter a manutenção das ilhas e animais e vegetação que lá habitam essenciais ao equilíbrio ecológico da área. Assim, passaram a encontrar alternativas econômicas em vez da extração madeireira, como enfoque na produção de alimentos, educação e turismo.²²

Também deliberaram na Assembleia Bianual da Federação da Nacionalidade Achuar do Peru (FENAP) sobre a ameaça da perfuração de petróleo em seu território, inclusive

²⁰ DALMASES, Francesc Badia I; ALBARENGA, Pablo. **A Luta de um Jovem Indígena Contra uma Estrada que Divide seu Povo na Amazônia.** El país, 2020. n.p. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/planeta_futuro/2020-01-16/a-luta-de-um-jovem-indigena-contra-uma-estrada-que-divide-seu-povo-na-amazonia.html>. Acesso em: 5 ago. 2022.

²¹ [TAPIA, Andrés; GARCÉS, Bryan; MONTAHUANO, Lenin. **Febre, Madeira Balsa e Pandemia no Território Achuar.** Open Democracy, 2021. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/pt/febre-madeira-balsa-pandemia-territorio-achuar/>>. Acesso em: 5 ago. 2022.](https://www.opendemocracy.net/pt/febre-madeira-balsa-pandemia-territorio-achuar/)

²² [TAPIA, Andrés; GARCÉS, Bryan; MONTAHUANO, Lenin. **Febre, Madeira Balsa e Pandemia no Território Achuar.** Open Democracy, 2021. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/pt/febre-madeira-balsa-pandemia-territorio-achuar/>>. Acesso em: 5 ago. 2022.](https://www.opendemocracy.net/pt/febre-madeira-balsa-pandemia-territorio-achuar/)

dirigindo-se à sede da empresa GeoPark, no Chile, para protestar contra a concessão governamental que lhes conferiu mais de 40% da região abrangida pela FENAP.²³

Ademais, também surgem cotidianamente projetos, na maior parte liderada pelas chefias das comunidades Achuar, visando o término das quarenta e duas concessões petroleiras que exploram aquela região amazônica, a fim de afastar definitivamente as mineradoras que possuem poder sobre milhões de hectares de solo indígena que não estão sendo protegidos como objetiva a população nativa.

3. DO POVO AYMARA

Também inseridos dentro do território peruano, concentrados nas regiões dos Andes e Altiplanos, encontra-se a tribo Aymara, que possui enorme difusão às populações bolivianas, chilenas e argentinas, atualmente estimando-se em 2,3 milhões de descendentes espalhados pela América do Sul.

Algumas evidências descobertas por arqueólogos mostram uma ocupação da atual região oeste da Bolívia, há milhares de anos, mas, foi com enorme influência dos incas, em especial do imperador Huayna Capac, entre os anos de 1483 e 1523, que esta tribo passou a se alastrar pelos Andes.²⁴

As descobertas genéticas e históricas efetivadas por meio de estudos derivados dos instrumentos arqueológicos recentemente encontrados, mostram que a colonização do lago Titicaca deu-se ao menos há 3.700 anos atrás, havendo uma expansão populacional para grupos de agricultores que difundiram o cultivo de milho e batata pelos Andes, conservando-se somente os pescadores em seus locais de origem, mas em grupos pequenos e esparsos um do outro.²⁵

Robert Pateman²⁶ explica que a língua nativa destes habitantes do Titicaca é igualmente denominada “aymara”, com variações entre o “jaqaru” e “kawki”, sendo que o

23 AMAZON WATCH. **Povo Indígena Achuar para GeoPark: Fique Fora do Nosso Território!** Amazon Watch, 2017. Disponível em: <<https://amazonwatch.org/pt/news/2017/1115-achuar-indigenous-people-to-geopark-stay-out-of-our-territory>>. Acesso em 6 ago. 2022.

24 SKUTSCH, Carl. **Enciclopédia das Minorias do Mundo**. Nova York: Routledge, 2005.

25 GUIMARÃES, Maria. A origem do povo dos lagos. **Revista Pesquisa FAPESP**, 2014. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2014/01/054-055_Altiplano_215.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

26 PATEMAN, Robert. **Cultures of the world: Bolivia**. Cavendish Square Publishing; 2nd ed. 2007.

espanhol acabou se tornando o principal idioma após a colonização ocorrida no século XVI. Já na parte cultural, destacam-se pelas vestimentas luxuosas, elegantes e cosmopolitas que acarretam numa identificação étnica das mulheres, ante a utilização de chapéus-coco, aguayo, pesadas polleras, botas e joias.

Também são de sua tradição o cultivo e uso cotidiano de plantas de coca, cujas folhas são comumente empregadas na medicina tradicional, além de servirem como oferendas em rituais ao Deus-pai Inti (Sol) e à Deusa-mãe Pachamama (Terra). É de se ressaltar que, no século passado, houve grande conflito com as autoridades locais na guerra contra as drogas, em uma tentativa estatal de erradicar a coca para posterior fabricação de cocaína. Contudo, as cerimônias rituais consideram-se identidade cultural, motivo pelo qual acabaram tornando-se permitidas até a atualidade.²⁷

Ainda que imensa a dispersão da tribo por todo os Andes, permanecem existindo comunidades camponesas aymaras – devidamente legitimadas pelo Estado – em determinadas regiões rurais, ao redor de fazendas “mistis”, e que se mantém formadas por relações interfamiliares de produção e trabalho.²⁸

Acrescentam Giorgio Alberti e Enrique Mayer²⁹ que estas comunidades camponesas, também conhecidas como ayllus, são unidos por vínculos de parentesco e compartilham relações recíprocas igualitárias entre si, com posse comum da terra, explorada comunitariamente para subsistência. Tais relações simétricas internas foram seguidas de geração em geração, desde a exigência dos tributos incaicos, até a exploração dos “encomendeiros” (colonos) e conflito com os fazendeiros dos Andes.

A história, infelizmente, denota avassaladora exploração desde povo, tornando-se súditos dos incas, ao final do século XV, e posteriormente submissos aos espanhóis, no século seguinte. Com as guerras de independência hispano-americanas, em torno de 1810, passaram a ser subalternos das novas nações que dominavam Bolívia e Peru, e, após a Guerra do Pacífico, foi o Chile que anexou território com a população Aymara.³⁰

²⁷ PATEMAN, Robert. **Cultures of the world: Bolivia**. Cavendish Square Publishing; 2nd ed. 2007.

²⁸ GONZALES DE OLARTE, Efrain. **Economia de la comunidad campesina**. 2da. ed. Lima: Instituto de Estudios Peruano, 1986.

²⁹ ALBERTI, Giorgio; MAYER, Enrique. **Reciprocidad e intercambio en los Andes peruanos**. 1ra. ed. Lima: Instituto de Estudios Peruano, 1974.

³⁰ [VERGARA, Jorge Iván; GUNDERMANN, Hans. **Constituição e Dinâmica Interna do Identitário Regional em Tarapacá e Los Lagos, Chile**. Universidade de Tarapacá: 2012.](#)

Os espanhóis chegaram às porções ocidentais da América do Sul em 1535. Logo depois, em 1538, eles subjugaram os aimarás. Inicialmente, os aimarás exerceram sua própria cultura distinta, agora livre da influência inca (anteriormente conquistada pelos espanhóis), mas a aculturação e assimilação pelos espanhóis foram rápidas. Muitos aimarás, nessa época turbulenta, tornaram-se trabalhadores em minas e campos agrícolas. Na era colonial subsequente, os aimarás foram organizados em onze tribos: Canchi, Caranga, Charca, Colla, Collagua, Collahuaya, Omasuyo, Lupaca, Quillaca, Ubina e Pacasa. Os aimarás usaram muitas das técnicas agrícolas e tecnológicas dos espanhóis, como o uso de arados, animais de tração, trigo, cevada, ovelhas, gado e barcos de prancha para a pesca. No entanto, os aimarás ainda se dedicavam a ocupações tradicionais como criar alpacas, crescer nativos cultivo, e pesca com rede.

Em resposta à exploração colonial pelos espanhóis e pela elite nos campos da agricultura, mineração, colheita de coca, trabalho doméstico e muito mais, o aimará (junto com outros) encenou uma rebelião em 1629. Isso foi seguido por um levante mais significativo, principalmente de aimarás em 1780 em que o Aymara quase capturou a cidade de La Paz e muitos espanhóis foram mortos. Esta rebelião seria reprimida pelos espanhóis dois anos depois. No entanto, revoltas continuariam a ocorrer contra o domínio espanhol de forma intermitente até a independência do Peru em 1821.

As principais reformas causadas pela Revolução Boliviana de 1952 resultaram na integração do Aymara na sociedade boliviana. Isso também fez com que muitos aimarás se separassem ou deixassem de ser filiados às suas comunidades nativas. A maioria dos aimarás bolivianos hoje se dedica à agricultura, construção, mineração e trabalho em fábricas, embora um número crescente esteja agora em trabalho profissional. A língua aimará (junto com o quíchua) são agora línguas oficiais na Bolívia e tem havido um aumento de programas para ajudar os aimarás e suas terras nativas.³¹

Ruben Hilari³² cita que a exploração e preconceito frente a miscigenação deste povo, originada pelas constantes explorações de invasores, perdura até hoje. Muito embora aproximadamente três milhões de pessoas na América do Sul se identifiquem como aymaras, permanecem subsistindo lutas incessantes para reconquista de suas terras nativas, combate à desigualdade e racismo, bem como para afastar o menosprezo de suas publicações sobre a história da tribo e formação das populações peruana e boliviana.

Colocar o dedo na chaga” é a metáfora que melhor expressa a ideologia indianista e seu compromisso com o indígena. Os aymaras, os quéchuas, os guaranis, entre outros povos indígenas, por causa da colonialidade, desprezam o denominativo índio, é considerado o pior insulto, mas justamente por isso o indianismo tomou este termo para ressignifica-lo, de modo que o denominador que o *blanco-mestizo* usa para humilhar os indígenas, não seja mais um dispositivo que afeta a subjetividade dos indígenas, mas, ao contrário, se torne uma palavra que ativa a nossa luta anticolonial.³³

³¹ SKUTSCH, Carl. **Enciclopédia das Minorias do Mundo**. Nova York: Routledge, 2005. p. 160.

³² HILARI, Ruben. **Indígenas Aimarás Questionam Celebrações do Dia da Independência da Bolívia**. Global Voices, 2020. Disponível em: < <https://pt.globalvoices.org/2020/09/17/indigenas-aimaras-questionam-celebracoes-do-dia-da-independencia-da-bolivia/>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

³³ MAYTA, Roger Adan Chambi. **O aymara que levantou o orgulho indígena na Bolívia**. Jacobin, 2022. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2022/01/o-aymara-que-levantou-o-orgulho-indigena-na-bolivia/>>. Acesso em: 17 ago. 2022. n.p.

Pablo Saba Calero³⁴ acrescenta que são incontáveis as políticas e campanhas estatais que tendem a justificar as medidas repressivas dos governos peruano e boliviano contra os aymaras, de modo que ambas nações trocam entre si acusações de responsabilidades por problemas sociais, conflitos e desgraças, com um saldo final negativo exclusivamente para os descendentes dessa tribo milenar.

Isto é, tanto os governantes bolivianos quanto os peruanos utilizam a presença de cidadãos estrangeiros para desencadear repressão contra o povo Aymara dos dois lados do lago Titicaca, causando descomunal miséria, mortandade infantil, analfabetismo e precárias condições de vida, provenientes de correntes ideológicas que implicam no reiterado menosprezo indígena, que, em contrapartida, ataca o exército em linchamentos constantes de soldados e autoridades, em uma feroz resposta à permanente exploração racista que vêm sofrendo ao longo dos anos.

Difícilmente a macrocefálica Lima, e sua dourada burocracia, poderão entender que isso tem o nome de "barbárie", prática muito anterior à "civilização" na capital peruana. Mas, além de ser ou não "justiça comunitária", supostamente praticada há milênios, é antes uma amostra do profundo ódio nutrido contra esse Estado que tudo drena para o capital, principalmente para firmas respaldadas por potências estrangeiras. É uma forma simbólica de agredir o centralismo asfixiante, que nas províncias somente escuta os enriquecidos caciques provincianos, retribuindo com pagamentos que acentuam a distribuição desproporcional das riquezas. Da mesma forma, os q'haras bolivianos sentem desprezo pela população. Apesar de estar incluído, muito fraseologicamente, na Constituição Política do Estado o decorativo enunciado "a Bolívia é um país multicultural e plurilingue", a repugnância que sentem pelos aymaras chega ao ponto de criar mecanismos ideológicos que induzem os aymaras à autonegação da identidade, além do cotidiano sofrimento da população, sobre a qual se abate cada vez mais a fome e a miséria. Os q'haras sustentam que os indígenas aymaras ingressaram massivamente no parlamento boliviano, no ano de 2002, para "perfumar" o semicírculo boliviano. Nem sequer têm interesse de olhar por baixo do ombro, para um setor que, na prática, revela ser um fiel aliado dos próprios q'haras bolivianos. É certo que os laços entre aymaras peruanos e bolivianos são milenares e inquebrantáveis, por ter um mesmo matiz cultural, além de manter viva e ativa a atividade comercial que une La Paz e Oruro com os departamentos peruanos de Moquegua, Tacna, Arequipa e Puno, além do norte chileno. As intrigas dos governos e meios de comunicação reacionários do Peru e da Bolívia funcionam como um artifício de convencimento para uma suposta luta contra o "terrorismo internacional", na realidade uma conjura premonitória contra a inexorável união dos povos aymaras e os povos latino-americanos em geral na decisão de seu próprio destino, acabando com as permanentes agressões imperialistas, principalmente ianques, em cumplicidade com governos títeres. Poderíamos dizer que há várias décadas existe um projeto divisionista e desarticulador implementado por dezenas de Ongs,

³⁴ CALERO, Pablo Saba. **Existe uma conexão aymara?** A Nova Democracia, 2004. Disponível em: < <https://anovademocracia.com.br/no-19/813-existe-uma-conexao-aymara>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

principalmente ianques, que financiaram no altiplano boliviano e peruano a afirmação da nacionalidade aymara. Esse recurso tem a finalidade de desmoralizar a integração, tanto dos Estados peruano e boliviano — países que se caracterizam por uma heterogeneidade das tecnologias produtivas, diversos modos de produção e uma insuficiente diversificação dos bens que produzem, ao que se soma um velho enlace econômico, e portanto político, a países imperialistas.³⁵

Por mais que se perceba a criação de diversas Organizações Não Governamentais – ONGs que auxiliem e visem a proteção deste povo milenar, há enorme dificuldade no combate da ideologia preconceituosa enraizada nessas nações, fatores que permanecem gerando fome, miséria, atraso e abertura a novas espécies de explorações, as quais incessantemente vêm se sucedendo desde as invasões incas no século XV.

4. DO POVO QUÉCHUA

Os Quéchuas, por sua vez, foram os principais agentes incas na América do Sul, compondo a principal pólis do império (e atual capital peruana, Cuzco), e que, posteriormente, irradiou-se sua expansão por todas regiões da Cordilheira dos Andes, em contato com outras tantas culturas autóctones.³⁶

Tem-se que os Quéchuas existentes na Amazônica dispersam-se entre três estados peruanos – Loreto, San Martín e Madre de Diós, combinando estilos culturais andinos e amazônicos, seja no modo de vestirem-se ou no cultivo e posterior comercialização de práticas agropecuárias e práticas em madeira.³⁷

Quéchua ou “Runa simi”, assim como Aymara, também é língua nativa da América do Sul, falada em diversas regiões do Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Chile e Argentina, dentre suas divisões e dialetos. Sua origem deriva-se do império inca Tahuantinsuyo e, atualmente, estima-se que ao menos doze milhões de pessoas sejam fluentes no continente³⁸.

³⁵ CALERO, Pablo Saba. **Existe uma conexão aymara?** A Nova Democracia, 2004. Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/no-19/813-existe-uma-conexao-aymara>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

³⁶ OLIVEIRA, David Mesquiati. Pachamama, Paqarina e Pachakamaq: uma perspectiva religiosa quéchua sobre natureza e religião. **Revista Estudos de Religião**, Universidade Metodista de São Paulo, v. 31, n. 1, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6859>>. Acesso em: 5 set. 2022.

³⁷ RIGUEIRA JÚNIOR, Itamar. **Andinos ou amazônicos?** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2016. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1944/6.shtml>>. Acesso em: 5 set. 2022.

³⁸ INGRESSO MACHU PICCHU. **Quéchua, a língua dos Incas**. Peru, 2022. Disponível em: <<https://www.ingressomachupicchu.com/quechua-lingua-dos-incas/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Essa massiva expansão da língua nativa ocorre, consoante Jacqueline Fowks³⁹, pela difusão empreendida pela população jovem em ambientes urbanos, visto que, crescida entre dois mundos que misturam tradição e contemporaneidade, aprenderam o idioma indígena com seus ascendentes, o utilizando para não restringir a uma comunicação exclusivamente íntima e familiar.

Tal como os demais povos mencionados neste trabalho, os Quéchuas possuem imensa conexão espiritual, inclusive compreendendo seu passado como um mundo imerso no chamado “Bem Viver”, o qual seria a convivência harmoniosa entre cosmo, natureza e humanidade. Ou seja, é a partir dessa concepção que essa tribo idealiza um tempo bom e perdido – e também mítico e histórico – utilizando-o como motor para transformações da realidade presente, visando uma sociedade justa, diversa, plurinacional e intercultural, que forneça políticas sociais capazes de garantir os direitos fundamentais aos cidadãos.⁴⁰

O culto à natureza, a seus elementos e fenômenos está de tal modo encrustado na cultura andina que sobrevive até hoje, na forma de um “panteísmo”. A religião Quéchuá incorporou parcialmente crenças e argumentos de culturas vizinhas, sistematizando-se por volta do século XV, em torno das tribos que formavam o Tawantinsuyu, uma coalização que representava os quatro pontos cardiais, ponto alto do império Inca, antes da chegada dos espanhóis. O panteão oficial dos Incas predominou em toda extensão do império, se bem que não na mesma intensidade que nos entornos da capital, Cusco-Peru.⁴¹

Essa relação espiritual também pode ser vislumbrada nas práticas musicais empreendidas por essa tribo, que, para atingir a cosmogonia andina e promover interconexões com suas crenças, utilizavam a música (muitas vezes tocada por instrumentos em formatos de tubos, verdadeiros aerofones de sopro) e performances coreográficas para tanto.⁴²

Ademais, também é notório o desenvolvimento, desde o Império Inca no século XV, de leis severas e simples, e até mesmo a instalação de tribunais de justiça e suas respectivas autoridades por meio de todo território conquistado, sendo que tais normas eram devidamente

³⁹ FOWKS, Jacqueline. **O quéchua renasce no Peru**. El País, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-01/o-quechua-renasce-no-peru.html>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

⁴⁰ BONIN, Iara. **O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade**. Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2015. Disponível em: <<https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>>. Acesso em: 5 set. 2022.

⁴¹ ALMEIDA, Ileana. **Historia del pueblo kechua**. 2 ed. Quito: Abya-Yala, 2005. p. 267.

⁴² BRANCO, Cristina de; TEÓFILO, Mariana Santos. Musicando Translocalidades Imigrantes Aymaras e Quéchuas em São Paulo. **Revista da Universidade de São Paulo (USP)**, São Paulo, v. 6, n.1: e-174364, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/174364/172053>>. Acesso em: 5 set. 2022.

respeitadas pela coletividade, e já previam situações como estupro incesto e roubo, os quais eram castigados com pena de morte após minucioso processo investigativo.⁴³

De qualquer maneira, tal como observado com os Achuar e os Aymaras, os Quéchuas igualmente tiveram movimentos de disseminação pelos Andes, principalmente após a reforma agrária de 1969 – e seu consequente conflito armado interno –, da qual se viu massiva horda de camponeses migrando de Ayacucho e Huancavelica para as cidades.⁴⁴

Essa migração e miscigenação extraordinária ocorrida principalmente nas metrópoles bolivianas são até hoje de vasto conhecimento mundial, tornando-se este um país reconhecido por formar historicamente uma complexa sociedade pluricultural e multiétnica, todavia, a convivência de diversos grupos indígenas em um mesmo local (como os Quéchuas, Aymaras, Guaranis, Ayoreo, Chiquitano etc.), ao mesmo tempo desencadeou incontáveis conflitos e graves turbulências que ainda assolam a formação política, social econômica e cultural da Bolívia.⁴⁵

Com isso, esta tribo também continua sendo alvo de conflitos políticos e perseguições étnicas, sendo que, consoante Orin Starn⁴⁶, a guerra civil peruana na década de 1980, contabilizou ao menos três quartos dos setenta mil mortos eram quéchuas, numeral este que ainda cresce a cada ano pelas mesmas motivações ideológicas.

Não bastasse, entre 1996 e 2001, a política de esterilização forçada exercida por Alberto Fujimori afetou mais de duzentas mil mulheres Quéchuas e Aymaras, obrigando-as, de forma coagida, a aceitarem estas práticas, na maioria das vezes em condições perigosas e pouco higiênicas, inclusive com os médicos pressionados pelo governo para realizar as operações sobre cotas irrealistas, o que impossibilitava informar adequadamente as mulheres e receber eventual consentimento.⁴⁷

⁴³ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Pachamama, Paqarina e Pachakamaq: uma perspectiva religiosa quéchua sobre natureza e religião. **Revista Estudos de Religião**, Universidade Metodista de São Paulo, v. 31, n. 1, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6859>>. Acesso em: 5 set. 2022.

⁴⁴ FOWKS, Jacqueline. **O quéchua renasce no Peru**. El País, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-01/o-quechua-renasce-no-peru.html>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

⁴⁵ SILVA, Giovani José da. A Bolívia, a Chiquitania e as populações indígenas em um mosaico étnico cultural. **Revista De Estudos E Pesquisas Sobre As Américas**, 6(2), 102–126, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/19517>>. Acesso em: 10 set. 2022

⁴⁶ STARN, Orin. **Aldeões nos braços: Guerra e contra-revolução nos Andes Centro-Sul**. In Steve Stern (ed.): *Shining and Other Paths: War and Society in Peru, 1980–1995*. Duke University Press, Durham und London, 1998.

⁴⁷ KOVARIK, Jacquelyn. **Não há mais silêncio no Peru**. Relatório NACLA sobre as Américas, 2019.

Assim, percebe-se claramente que a luta por aceitação e igualdade é incessante nos Andes, desde as tribos entre si até perante as autoridades governamentais, que fazem pouco caso para fornecer os mínimos direitos humanos aos que representam parcela significativa de sua população, por óbvio, privilegiando minorias da alta classe.

Como cita Iara Bonin⁴⁸, as culturas indígenas são o melhor exemplo de que “outro mundo é possível”, visto que, no decorrer dos anos, até o presente século XXI, ainda que marcados por desigualdades, objetivam, por meio de sua ancestralidade cultural, a construção de sociedades equânimes, sem marginalização ou exclusão.

CONCLUSÃO

O presente artigo abordou a questão dos povos indígenas em risco na América Latina, analisando o aspecto histórico da interação de tais povos originários com outros povos, desde a chegada dos europeus, em meados de 1400, até o presente momento, a fim de traçar um panorama geral de como a relação entre os nativos e os, outrora, estrangeiros vem se desenrolando, em especial dos povos Achuar, Aymara e Quéchua

Ficou patente, que antes da chegada dos forasteiros, os indígenas estavam prosperando, cada qual com seus costumes e políticas próprias, interagindo entre eles, nem sempre em harmonia, mas se lastreando em certa ordem de convivência, que gerava um equilíbrio, e, sobretudo, sempre em harmonia com a natureza.

Contudo, a partir da chegada dos exploradores europeus, esse equilíbrio foi quebrado, em especial pelas novas tecnologias, principalmente as de uso bélico, as doenças que não eram endêmicas da América Latina e o extrativismo desmedido.

Assim, por séculos os povos originários vêm sofrendo perseguições, desrespeitos a suas culturas e, especialmente, a suas terras, o que faz com que muitos tenham sido extintos, e outros estejam à beira da extinção.

Porém, mesmo com todas essas dificuldades, muitos desses povos continuam existindo, passando suas culturas de geração para geração, o que faz deles não apenas sobreviventes, mas povos com conhecimentos seculares que são importantíssimos para a criação de uma

⁴⁸ BONIN, Iara. **O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade**. Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2015. Disponível em: <<https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>>. Acesso em: 5 set. 2022.

consciência social diferenciada, que pode fazer com que os países, em que habitam, se desenvolvam com base nas ideologias modernas, como o capitalismo, mas permeadas pelas contribuições que os indígenas podem oferecer, mormente, com relação ao conhecimento e respeito à natureza.

Contudo, na maioria dos casos, os Estados não reconhecem esses indivíduos como efetivos cidadãos, o que acaba em uma segregação, que deve ser rechaçada com a mudança de mentalidade dos líderes das nações latino-americanas, de modo que sejam formuladas políticas públicas, que ao mesmo tempo respeitem as culturas dos índios, particularmente, o direito que possuem sobre suas terras ancestrais, e que permitam a participação de tais atores sociais nos aspectos relevantes de direcionamento de seus respectivos países, fazendo com que não corram mais o risco de desaparecerem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Giorgio; MAYER, Enrique. **Reciprocidad e intercambio en los Andes peruanos**. 1ra. ed. Lima: Instituto de Estudios Peruano, 1974.

ALMEIDA, Ileana. **Historia del pueblo kechua**. 2 ed. Quito: Abya-Yala, 2005.

AMAZON WATCH. **Povo Indígena Achuar para GeoPark: Fique Fora do Nosso Território!** Amazon Watch, 2017. Disponível em: <<https://amazonwatch.org/pt/news/2017/1115-achuar-indigenous-people-to-geopark-stay-out-of-our-territory>>. Acesso em 6 ago. 2022.

BONIN, Iara. **O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade**. Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2015. Disponível em: <<https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>>. Acesso em: 5 set. 2022.

BRANCO, Cristina de; TEÓFILO, Mariana Santos. Musicando Translocalidades Imigrantes Aymaras e Quéchuas em São Paulo. **Revista da Universidade de São Paulo (USP)**, São Paulo, v. 6, n.1: e-174364, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/174364/172053>>. Acesso em: 5 set. 2022.

CALERO, Pablo Saba. **Existe uma conexão aymara?** A Nova Democracia, 2004. Disponível em: < <https://anovademocracia.com.br/no-19/813-existe-uma-conexao-aymara>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CAMPOS, Ana Cristina. **Relatório da ONU aponta aumento do número de indígenas na América Latina**. Disponível em: <

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/relatorio-da-onu-aponta-aumenta-do-numero-de-indigenas-na-america>>. Acesso em: 10 set. 2022.

CHIRIF, Alberto; MORA, Carlos. **Atlas de comunidades nativas**. Lima: Sistemia National de Apoyo a la Movilización Social (SINAMOS), 1977.

CINACHI, Nayara Pereira. **Tribal Quest Equador**. Disponível em: <<https://blog.myheritage.com.br/projetos-sem-fins-lucrativos/tribal-quest-equador/>>. MyHeritage, 2019. Acesso em: 28 jul. 2022.

DALMASES, Francesc Badia I; ALBARENGA, Pablo. **A Luta de um Jovem Indígena Contra uma Estrada que Divide seu Povo na Amazônia**. El país, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/planeta_futuro/2020-01-16/a-luta-de-um-jovem-indigena-contr-uma-estrada-que-divide-seu-povo-na-amazonia.html>. Acesso em: 5 ago. 2022.

DESCOLA, Philippe. **A Floresta Cultivada, Simbolismo e Práxis na Ecologia dos Achuar**. Lima: IFEA, 1988.

FOWKS, Jacqueline. **O quéchua renasce no Peru**. El País, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-01/o-quechua-renasce-no-peru.html>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

GONZALES DE OLARTE, Efrain. **Economia de la comunidad campesina**. 2da. ed. Lima: Instituto de Estudios Peruano, 1986.

GUIMARÃES, Maria. A origem do povo dos lagos. **Revista Pesquisa FAPESP**, 2014. Disponível em: < https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2014/01/054-055_Altiplano_215.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

HILARI, Ruben. **Indígenas Aymará Questionam Celebrações do Dia da Independência da Bolívia**. Global Voices, 2020. Disponível em: < <https://pt.globalvoices.org/2020/09/17/indigenas-aimaras-questionam-celebracoes-do-dia-da-independencia-da-bolivia/>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

HECK, Egon Dionísio; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (org.). **Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio**. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (Cimi), 2012.

INGRESSO MACHU PICCHU. **Quéchua, a língua dos Incas**. Peru, 2022. Disponível em: <<https://www.ingressomachupicchu.com/quechua-lingua-dos-incas/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

KOVARIK, Jacquelyn. **Não há mais silêncio no Peru**. Relatório NACLA sobre as Américas, 2019.

MAYTA, Roger Adan Chambi. **O aymara que levantou o orgulho indígena na Bolívia**. Jacobin, 2022. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2022/01/o-aymara-que-levantou-o-orgulho-indigena-na-bolivia/>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MEUNIER, Jacques. **A Viagem Iniciática**. Folha de São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0309200607.htm>>. Acesso em 28 jul. 2022.

MINCU. MINISTERIO DE CULTURA. **Los pueblos achuar, awajún, kandozi y wampis**. Serie “Nuestros pueblos indígenas”. Lima: Ministerio de Cultura, 2015.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Ética Indígena Quéchua interpellando éticas cristãs ocidentais: reflexões latino-americanas. **Revista Estudos de Religião**, Universidade Metodista de São Paulo, v. 31, n. 1, jan.-abr. 2017 Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/5277>>. Acesso em: 5 set. 2022.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Pachamama, Paqarina e Pachakamaq: uma perspectiva religiosa quéchua sobre natureza e religião. **Revista Estudos de Religião**, Universidade Metodista de São Paulo, v. 31, n. 1, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6859>>. Acesso em: 5 set. 2022.

PALACIOS, Cythia Cárdenas. “**Só estamos extraindo petróleo, não estamos contaminando**”: Os Achuar do rio Corrientes perante a atividade petroleiro do Lote 192. ANPOCS, 2016. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st07-9/10192-so-estamos-extraindo-petroleo-nao-estamos-contaminando-os-achuar-do-rio-corrientes-perante-a-atividade-petroleira-do-lote-192/file>>. Acesso em 29 jul. 2022.

PATEMAN, Robert. **Cultures of the world: Bolivia**. Cavendish Square Publishing; 2nd ed. 2007.

PIMENTEL, Márcia. **Povos indígenas das Américas, ontem e hoje**. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16378-povos-ind%C3%ADgenas-das-am%C3%A9ricas,-ontem-e-hoje-2>>. Acesso em: 12 set. 2022.

RIGUEIRA JÚNIOR, Itamar. **Andinos ou amazônicos?** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2016 Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1944/6.shtml>>. Acesso em: 5 set. 2022.

SILVA, Giovani José da. A Bolívia, a Chiquitania e as populações indígenas em um mosaico étnico cultural. **Revista De Estudos E Pesquisas Sobre As Américas**, 6(2), 102–126, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/19517>>. Acesso em: 10 set. 2022

SKUTSCH, Carl. **Enciclopédia das Minorias do Mundo**. Nova York: Routledge, 2005.

STARN, Orin. **Aldeões nos braços: Guerra e contra-revolução nos Andes Centro-Sul**. In Steve Stern (ed.): *Shining and Other Paths: War and Society in Peru, 1980–1995*. Duke University Press, Durham und London, 1998.

[TAPIA, Andrés; GARCÉS, Bryan; MONTAHUANO, Lenin. **Febre, Madeira Balsa e Pandemia no Território Achuar**. Open Democracy, 2021. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/febre-madeira-balsa-pandemia-territorio-achuar/>. Acesso em: 5 ago. 2022.](https://www.opendemocracy.net/pt/febre-madeira-balsa-pandemia-territorio-achuar/)

[URIARTE, Luis. **Os Achuar**. In: SANTOS GRANERO, Fernando e Frederica BARCLAY \(editores\). *Guia Etnográfico do Alto Amazonas*. Volume VI. Lima: IFEA, Smithsonian Tropical Research Institute, 2007.](#)

[VERGARA, Jorge Iván; GUNDERMANN, Hans. **Constituição e Dinâmica Interna do Identitário Regional em Tarapacá e Los Lagos, Chile**. Universidade de Tarapacá: 2012.](#)

Submetido em 06.10.2022

Aceito em 15.10.2022